



QUANDO O VENTO ENCONTRA RESISTÊNCIA: UM PANORAMA DOS MOVIMENTOS CONTRA A INDÚSTRIA EÓLICA NA EUROPA E NO BRASIL

Autora: Karina Pecis Valenti

Orientador: Dr. Pedro Allemand Mancebo Silva

Universidade Federal Fluminense

karinapecis@id.uff.br

Objetivos

O presente trabalho analisa a expansão da indústria de energia eólica no contexto da transição energética contemporânea, compreendida como parte das respostas do capitalismo à crise de acumulação iniciada na década de 1970. A pesquisa investiga como a implementação de projetos eólicos, frequentemente apresentados como soluções sustentáveis para a crise climática, produz conflitos socioambientais e novas formas de apropriação territorial.

Partindo dos referenciais da Economia Política e da Ecologia Política, o estudo busca compreender como o avanço dessa indústria estabelece novos padrões de controle sobre a natureza e os territórios, processo frequentemente caracterizado na literatura como *green grabbing*, isto é, a apropriação de recursos naturais legitimada pelo discurso ambiental.

A pesquisa tem como objetivo central mapear e analisar os principais movimentos de resistência à indústria eólica na Europa e no Brasil, identificando suas motivações, formas de organização e reivindicações. Ao comparar essas experiências, o trabalho busca evidenciar as contradições do modelo dominante de transição energética e suas implicações para comunidades rurais, povos indígenas e populações pesqueiras.

Métodos e Procedimentos

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica crítica e análise documental. O referencial teórico articula contribuições da Economia Política e da Ecologia Política, mobilizando conceitos como acumulação por despossessão, financeirização da natureza e *green grabbing*, a fim de compreender as dinâmicas de expansão da indústria eólica no contexto do capitalismo contemporâneo.

Foram analisados estudos acadêmicos, relatórios institucionais, documentos produzidos por movimentos sociais e registros de conflitos socioambientais relacionados à instalação de usinas eólicas. A pesquisa também examina dados sobre a expansão do setor eólico, com especial atenção à territorialização dessa indústria no Nordeste brasileiro, região que concentra a maior parte da produção nacional de energia eólica.

A análise comparativa entre Europa e Brasil permite identificar tanto as especificidades regionais quanto os elementos estruturais comuns que caracterizam os conflitos gerados pela expansão dessa indústria.

Resultados

Os resultados indicam que a expansão da energia eólica tem produzido uma série de



impactos socioambientais e conflitos territoriais, especialmente em áreas rurais e costeiras. Embora apresentada como alternativa sustentável à matriz energética baseada em combustíveis fósseis, a implantação de usinas eólicas frequentemente envolve processos de apropriação territorial e transformação dos usos tradicionais da terra.

Na Europa, onde a indústria eólica se desenvolveu de forma pioneira, surgiram diversos movimentos de oposição aos empreendimentos, incluindo mobilizações locais associadas ao fenômeno conhecido como Not in My Backyard (NIMBY), protestos comunitários e mobilizações de povos indígenas, como o povo Sámi na Noruega, que denunciou violações de direitos territoriais decorrentes da instalação de usinas eólicas em áreas de pastoreio de renas.

No Brasil, os conflitos se concentram principalmente na região Nordeste, onde o elevado potencial eólico e a estrutura fundiária marcada pela concentração de terras favoreceram a rápida expansão da indústria. A territorialização dos empreendimentos ocorre majoritariamente por meio de contratos de arrendamento entre empresas e proprietários rurais, frequentemente caracterizados por assimetrias contratuais e restrições ao uso do território pelas populações locais.

Essas dinâmicas têm impulsionado a organização de movimentos de resistência, como o Movimento dos Atingidos por Renováveis (MAR), além de mobilizações de comunidades rurais, pescadores e povos tradicionais que denunciam impactos ambientais, restrições à mobilidade territorial e alterações em modos de vida locais.

Conclusões

A análise evidencia que o atual modelo de expansão da energia eólica, inserido no paradigma da transição energética global, reproduz dinâmicas históricas de expropriação territorial e aprofundamento das desigualdades socioambientais. Embora associada ao combate às mudanças climáticas, a

implementação de grandes empreendimentos eólicos tem gerado impactos significativos sobre ecossistemas e sobre as formas de vida de comunidades locais.

Os movimentos de resistência observados na Europa e no Brasil revelam que a transição energética não é um processo neutro, mas sim profundamente atravessado por disputas territoriais, relações de poder e interesses econômicos. Nesse sentido, os conflitos analisados expõem a contradição fundamental do modelo hegemônico de descarbonização: a tentativa de enfrentar a crise climática por meio de projetos que, em muitos casos, reproduzem práticas de apropriação e controle da natureza características da lógica de acumulação capitalista.

Assim, os movimentos sociais e territoriais desempenham papel central ao questionar as bases do atual modelo de transição energética e ao reivindicar alternativas que conciliem justiça ambiental, participação social e respeito aos modos de vida das populações afetadas.

Referências

ARAÚJO, J. C. H.; SOUZA, W. F.; MEIRELES, A. J. A.; BRANNSTROM, Christian. Sustainability challenges of wind power deployment in coastal Ceará State, Brazil. *Sustainability*, v. 12, n. 14, p. 1-22, 2020.

BRINGEL, Breno; SVAMPA, Maristella. Del “Consenso de los Commodities” al “Consenso de la Descarbonización”. *Nueva Sociedad*, n. 306, jul.-ago. 2023.

FAIRHEAD, James; LEACH, Melissa; SCOONES, Ian. Green grabbing: a new appropriation of nature? *Journal of Peasant Studies*, v. 39, n. 2, p. 237-261, 2012.

TRALDI, Mariana; RODRIGUES, Arlete Moysés. Acumulação por despossessão: a privatização dos ventos para a produção de energia eólica no semiárido brasileiro. *Appris Editora*, 2022.